

**Conceição Nogueira  
Sara Magalhães  
(Orgs.)**

# **GÉNERO E SAÚDE**

## **Novas (In)Visibilidades**

# Índice

**Título:** Género e Saúde. Novas (In)Visibilidades  
**Organizadoras:** Conceição Nogueira e Sara Magalhães  
© 2013, APEM, Edições Afrontamento, Autoras e Autores  
**Capa:** Helena Castro / Forthetimebeing Design studio  
**Edição:** APEM – Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres e Edições Afrontamento, Lda.  
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto  
[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt) / [geral@edicoesafrontamento.pt](mailto:geral@edicoesafrontamento.pt)  
**Colecção:** Textos/105  
**N.º de edição:** 1533  
**ISBN:** 978-972-36-1328-5  
**Depósito legal:** 361913/13  
**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)  
**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[comercial@companhiadasartes.pt](mailto:comercial@companhiadasartes.pt)  
Setembro de 2013

Edição apoiada por: CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

Nota Prévia .....	7
<i>Teresa Pinto</i>	
Introdução: O género na saúde.....	9
<i>Conceição Nogueira e Sara Magalhães</i>	
<b>La salud desde la perspectiva de género .....</b>	<b>19</b>
<i>Maria del Pilar Sánchez López</i>	
<b>Igualdad de oportunidades en los servicios sanitarios: sesgo de género como determinante de la estructura de salud de la Comunidad .....</b>	<b>35</b>
<i>Maria Teresa Ruiz-Cantero</i>	
<b>Olhares educativos sobre saúde sexual: jovens confrontam direitos sexuais e íntimos ..</b>	<b>49</b>
<i>Sofia A. Santos e Laura Fonseca</i>	
<b>Paternidade e adolescência.....</b>	<b>63</b>
<i>António Manuel Marques</i>	
<b>Prostituição de mulheres migrantes e saúde .....</b>	<b>75</b>
<i>Alexandra Oliveira</i>	
<b>Homens, masculinidades e saúde .....</b>	<b>87</b>
<i>Luís Santos e Conceição Nogueira</i>	
<b>(In)visibilidades e desafios do cuidar no masculino: a propósito dos homens idosos....</b>	<b>101</b>
<i>Oscar Ribeiro</i>	
<b>Envelhecimento e saúde numa análise de género. Uma análise da população portuguesa 50+ a partir do Inquérito Nacional de Saúde .....</b>	<b>115</b>
<i>Rita Burnay e Ana A. Fernandes</i>	
Notas biográficas .....	129
Abstracts .....	133

## PATERNIDADE E ADOLESCÊNCIA

António Manuel Marques

### INTRODUÇÃO

A ocorrência de gravidezes em adolescentes continua a exigir reflexão e intervenção preventiva, para que esta não resulte de condicionantes evitáveis, como a ausência de autodeterminação e de conhecimento e do apoio necessário para que não seja lesada a realização do potencial de vida de raparigas e rapazes e o bem-estar dos seus filhos. Procuramos contribuir para o debate acerca dessa temática, focalizando-nos nas necessidades e vivências dos rapazes que experienciam a paternidade.

A temática da gravidez em adolescentes saiu da esfera privada, sobretudo nos países ocidentais, a partir da década de 1970, ainda que nas duas décadas anteriores já existisse alguma preocupação pública sobre ela (Addelson, 1999; Heilborn *et al.*, 2002; Shields e Pierce, 2006; Westman, 2009). O olhar e a intervenção técnica e política passaram a atribuir à gravidez em adolescentes o carácter de problema público e fenómeno indesejável (Heilborn *et al.*, 2009) e, como tal, a ser combatida por medidas públicas eficazes (Addelson, 1999; Heilborn *et al.*, 2002).

As modalidades de discurso acerca da gravidez na adolescência abandonaram a referência exclusiva aos riscos para a saúde materna e infantil para passarem a acentuar o risco psicossocial, devido à imaturidade psicológica das raparigas, vindo a juntar-se, na década de 1980, a associação entre essa experiência e o agravamento da pobreza, o abandono escolar e até a criminalidade (Addelson, 1999; Heilborn *et al.*, 2002; Shields e Pierce, 2006).

Determinou-se, assim, que a adolescência deve ser uma fase do ciclo de vida com características muito próprias, incompatíveis com a assunção da maternidade e da paternidade, as quais têm associados riscos de renúncia ao usufruto das

oportunidades de divertimento e da limitação das possibilidades de seguir as tarefas de desenvolvimento expectáveis (Shields e Pierce, 2006).

Genericamente, as representações e posicionamentos ideológicos dominantes do senso comum, dos *media* e dos profissionais são consensuais quanto à saliência dos aspetos negativos da gravidez na adolescência, desvalorizando, por tendência, as várias soluções e trajetórias individuais e familiares que contrariam essa homogeneização (Fernandes, 2009). Nos estudos portugueses, como critica Ludmila Fernandes (2009: 12), a parentalidade adolescente, tendencialmente focalizada nas raparigas, é retratada como um percurso homogéneo, problemático, negativo e indesejado, ignorando-se a diversidade de vivências e de dinâmicas pessoais e familiares, frequentemente relacionadas com as inserções sociais de classe. Admitimos, assim, que os significados, os contextos e as situações subjacentes a uma gravidez adolescente são heterogéneos (Heilborn *et al.*, 2009: 39) e que se articulam com as representações sobre a sexualidade, a distribuição assimétrica do poder entre os sexos e os projetos e valores pessoais e familiares (Brandão, 2009: 1064).

## PATERNIDADE, GÉNERO E MASCULINIDADE

Apenas nas últimas décadas, a paternidade tem sido objeto de atenção pela comunidade científica e pelas instituições dos domínios da saúde e da intervenção social (Marsiglio e Pleck, 2005; Marsiglio *et al.*, 2000; Pleck, 1997; Frosh *et al.*, 2002), o que tem ocorrido, sobretudo, nas sociedades ocidentais (Hobson, 2002; Farrow, 2009).

O olhar sobre os homens no domínio da parentalidade acentuou sempre o seu papel na fecundação, na proteção da mulher e da criança e na subsistência familiar, descurando-se, pelo menos até às últimas décadas do Século XX, a análise e valorização da paternidade enquanto fenómeno psicológico, relacional, psicossocial e sociocultural, sobretudo a partir das vozes dos homens (Le Camus, 2000; Dowd, 2000). Ou seja, como referem Brid Featherstone e colegas (2007), os/as profissionais e o senso comum tendem a falar dos homens e da paternidade sem o fazerem direta e explicitamente.

Sabe-se hoje mais sobre a paternidade do que em décadas passadas, que esta está em permanente mudança e se tem afastado das tradições acumuladas (Balanchó, 2004; Marsiglio e Pleck, 2005; Featherstone e White, 2006). Defende-se, igualmente, que o discurso que homogeneiza homens e pais não ajuda à sua compreensão, pois desvaloriza a diversidade de significados e de cenários relacionais (O'Donnell e Sharpe, 2000; Featherstone *et al.*, 2007).

O olhar sobre a paternidade, através da perspetiva das relações sociais de género,

é, aliás, proposto por diferentes autores, pelo seu potencial analítico, conceptual e interventivo (Dowd, 2000; Featherstone, *et al.*, 2007; Frosh *et al.*, 2002; O'Donnell e Sharp, 2000; Westman, 2009). Sob essa perspetiva, assume-se que a paternidade se relaciona duplamente com a construção de género, através da conceptualização da masculinidade e da relação entre a paternidade e a maternidade (Dowd, 2000: 182).

Os comportamentos sexuais e reprodutivos, incluindo aqueles que dão origem a uma gravidez, serão melhor iluminados através da análise e compreensão das relações e representações sociais de género (Heilborn *et al.*, 2002: 22), assumindo o género como um dos princípios fundamentais de organização das interações e da organização social (Nogueira, 2001; Connel, 2002; Amâncio, 1994, 2004).

Se o género for entendido como um «sistema de significados» e não um atributo indiscutível e fixo de cada pessoa, aceita-se que este resulta de uma construção e, como tal, faz parte de um sistema que se organiza e consolida aos níveis societal, interpessoal e individual, através do qual se hierarquizam e acentuam as diferenças entre mulheres e homens e, com base nelas, se justificam as desigualdades criadas e mantidas (Nogueira, 2001: 213).

Considerando que a paternidade obedece aos processos de construção social (Dowd, 2000), na sua concretização, neste caso nos adolescentes, cruza-se com os processos de construção da masculinidade. Esta tem múltiplas expressões e, por isso, não deve ser encarada como um termo singular, pois o que se considera próprio dos homens resulta de processos psicossociais, dependentes dos contextos relacionais e dos momentos históricos (Connell, 1995; Hearn, 2004; Kimmel e Messner, 1995; Marques, 2008). É nessa perspetiva que o conceito de masculinidade hegemónica (Connell, 1995) evidencia um forte potencial analítico e interventivo.

## PATERNIDADE NOS ADOLESCENTES

O fraco investimento e algum desconhecimento acerca da paternidade nos adolescentes replicam, essencialmente, o que se referiu quanto à paternidade em geral. São quase unânimes as afirmações de que é recente o interesse dos investigadores e dos técnicos acerca do tema (Olmstead *et al.*, 2012; The Alan Guttmacher Institute, 2002; Brindis *et al.*, 2005; Correia e Sereno, 2005), sendo notório que os estudos existentes nem sempre dão voz aos protagonistas, recorrendo à perspetiva das companheiras que os referem explicita ou implicitamente (Fernandes, 2009; Olmstead *et al.*, 2012; Reeves, 2007).

Os estudos sobre os pais adolescentes tendem a organizar-se em torno de alguns temas centrais: os fatores de risco associados a essa experiência e o seu impacto nos seus recursos educativos e económicos, o envolvimento direto com o

cuidado e subsistência da criança e a relação entre delinquência e paternidade (Shields e Pierce, 2006). A estes focos de interesse, Jane Reeves (2007) acrescenta ainda o investimento na análise crítica das capacidades dos rapazes para se envolverem nas tarefas da paternidade.

Ao nível do senso comum e das notícias dos *media*, mas também em alguns trabalhos de investigação, existe uma tendência para a focalização nas atitudes e comportamentos negativos dos rapazes face às raparigas e mulheres que estes engravidam, ao acompanhamento da gravidez e ao cumprimento do papel de pai. Estes adolescentes são representados através da acentuação dos traços da negligência, irresponsabilidade, indolência, incompetência e ausência, descrevendo uma figura demonizada (Speak, 2006; Barker, 2007).

Torna-se premente analisar os estereótipos construídos e difundidos acerca da alegada irresponsabilidade parental e conjugal dos rapazes (Nylung, 2006) e clarificar os argumentos e os fatores que facilitam o envolvimento numa gravidez, planejada ou não, e identificar e antecipar as barreiras que dificultam ou impedem o envolvimento dos rapazes no acompanhamento da gravidez, bem como no exercício pleno da paternidade (Glickman, 2000; Nylung, 2006; Shields e Pierce, 2006).

Em Portugal, entre os anos de 1985 e 2003, a taxa de fecundidade nos rapazes menores de 20 anos decresceu cerca de 20%, mantendo-se sempre a tendência para que o número de pais adolescentes seja, de modo muito expressivo, menor do que o de mães adolescentes (Prazeres *et al.*, 2005: 14)<sup>1</sup>.

O nível de escolaridade dos pais adolescentes é, em geral, menor do que o das mães adolescentes. No ano de 2002, por exemplo, mais de 50% dos pais teria menos do que o 3.º ciclo do Ensino Básico (op. cit.: 16-17). Num estudo realizado por Correia e Sereno (2005), a partir da experiência da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, em Lisboa, os valores que sugerem os baixos níveis de instrução dos pais adolescentes superam os valores nacionais, ainda que tenham resultado de uma população localizada.

Quanto à condição perante o trabalho, os dados nacionais apontam para que a maioria dos pais adolescentes esteja incluída na categoria 'empregado', mas com uma grande assimetria relativamente às mães adolescentes (Prazeres *et al.*, 2005). Do estudo de Correia e Sereno (2005: 20) ressalta o carácter diverso e indiferenciado das ocupações masculinas, com destaque para a percentagem de estudantes (22,5%) e de desempregados (21,25%).

A revisão da literatura confirma que, ao nível internacional, a maior parte das gestações adolescentes declaradas envolve rapazes de menor rendimento e escola-

ridade e na situação de desempregados (Heilborn *et al.*, 2009; Westman, 2009), ainda que, como refere Birbeck (2004, citado por Speak, 2006), não se devam descurar as exceções a essa tendência quase sistemática, como demonstra, face à realidade nacional, o estudo de Ludmila Fernandes (2009).

### Diversidade de perfis e de cenários da paternidade nos adolescentes

Para melhor entender os comportamentos dos adolescentes, incluindo aqueles que dizem respeito à sexualidade, é necessário dar atenção à diversidade de discursos e práticas da masculinidade, afastando a hipótese da homogeneidade (Carvalho *et al.*, 2008; Frosh *et al.*, 2002; O'Donnell e Sharpe, 2000; Olmstead *et al.*, 2012). Em coerência, é viável manter sobre observação a expressão de alguns dos elementos da masculinidade hegemónica e, ao mesmo tempo, aqueles que se afastam dessa representação.

Genericamente, para os rapazes, o início da atividade sexual está relacionado com a confirmação de que são 'homens', com o reforço positivo da sua identidade e elevação do estatuto perante os pares, o que poderá justificar, pelo menos nos países europeus, que se tornem sexualmente ativos mais cedo do que as raparigas (Bozon, 2003). Com efeito, a idade média do início da atividade sexual coital poderá ser um forte indicador da vivacidade do sistema de género, o qual poderá fomentar o adiamento dessa decisão por parte das raparigas e o contrário por parte dos rapazes (Bozon, 2003; Farrow, 2009; Heilborn, 2009; Vilar, 2002; Vilar e Ferreira, 2009).

Embora a paternidade possa facilitar, pela via da evidência, a prova da masculinidade e da virilidade, existem referências de que a orientação por uma representação e por ações mais consentâneas com a masculinidade hegemónica não será independente das posições sociais de classe. Os rapazes da classe trabalhadora terão mais tendência a replicar os comportamentos e pensamentos familiares sobre a significação da masculinidade e do ser adulto (Augustine *et al.*, 2009; Brandão, 2009; Dowd, 2000; Heilborn *et al.*, 2009; Marques, 2002; Xie *et al.*, 2001). Para os rapazes das camadas populares, a paternidade adolescente pode ser procurada e assumida como prova de amadurecimento e de responsabilidade, uma marca distintiva de sinal positivo da identidade masculina (Heilborn *et al.*, 2009).

Identificámos este fenómeno em pais adolescentes, dos quais citamos alguns excertos exemplificativos (Marques, 2007: 45-6):

«[O que mudou foi] Tornar-se mais responsável, ser mais adulto, pensar de outra maneira, e lutar muito... porque eu antes era mesmo só para andar a

(1) A dificuldade em aceder a dados estatísticos mais atuais revela, na nossa leitura, a falta de investimento na paternidade na adolescência, como sublinhamos neste artigo.

curtir. Mas depois, desde que nasceu o [nome], parei com isso» (rapaz, 21 anos, pai aos 19, 5.º ano de escolaridade);

«(...) Quero ir trabalhar, juntar algum dinheiro, que é para mais tarde comprar casa. Tirar a carta, comprar carro. Organizar a vida» (rapaz, 17 anos, pai aos 16, 4.º ano de escolaridade).

A tentativa, nem sempre conseguida, de constituição de um domicílio autónomo, de uma união conjugal e de independência económica podem configurar uma via para a emancipação face à família de origem, ainda que com o apoio desta, menos evidente nas camadas sociais médias (Heilborn *et al.*, 2002; Heilborn *et al.*, 2009). Como refere Cristiane Cabral (2002), a ocorrência de uma gravidez impulsiona o rapaz para assumir a função de principal sustento familiar, independentemente dos recursos escolares que lhe permitam atingir esse objetivo, os quais tendem a ser baixos e desvalorizados. Os excertos seguintes, do estudo antes citado (Marques, 2007: 45), podem corroborar as observações de Cristiane Cabral (2002):

«Foi um bocado difícil ao princípio, eu ainda estava a estudar. Foi por causa disso que tive de largar. Não conseguir dormir bem à noite, ia para a escola e não conseguir estar atento, foi mais por causa disso que tive de largar a escola» (rapaz, 21 anos, pai aos 19, 11.º ano);

«(...) ainda estava a fazer o curso. Estava quase a abandonar o curso. (...) Foi durante a gravidez. (...) Já não me apetecia mais ir para lá...» (rapaz 19 anos, pai aos 17, 6.º ano de escolaridade).

Este impacto da paternidade sobre a trajetória escolar não é, contudo, universal nem linear, como demonstram várias investigações. De facto, em termos genéricos, há mais tendência para que essas trajetórias sejam mantidas, ao contrário do que ocorre com as das raparigas (Fernandes, 2009; Heilborn *et al.*, 2002).

A preocupação com as possíveis limitações e responsabilidades que a paternidade pode trazer aos projetos futuros, incluindo os da escolaridade, estão claramente mais presentes nos pais das classes sociais mais favorecidas (Fernandes, 2009). Nas classes sociais mais baixas, o ingresso precoce no mercado de trabalho e a interrupção do percurso escolar não são, frequentemente, uma consequência direta da paternidade pois, em muitos casos, tal já havia ocorrido ou aguardava por um argumento para a tomada de decisão (Heilborn *et al.*, 2002), o que é também ilustrado pelo excerto anterior.

Quando o adolescente está numa situação de exclusão social ainda antes da ocorrência da gravidez, o nascimento de um filho pode agravá-la, em oposição ao que ocorre nas classes sociais mais favorecidas (Barker, 2007; Fernandes, 2009; Westman, 2009). Evidencia-se, assim, como sublinham Maria Heilborn e colegas

(2002), que os efeitos do género e da estratificação social sobre a escolarização e o trabalho são mais significativos, por si, nas trajetórias dos adolescentes do que a ocorrência da paternidade. Para esses autores, nos estratos sociais mais baixos, as trajetórias escolares e laborais dos que foram e dos que não foram pais tendem a ser quase sobreponíveis (op. cit.: 35).

A ocorrência da gravidez produz também alterações no domínio da sociabilidade de ambos os sexos, ainda que com maior evidência na das raparigas, sobretudo das classes sociais mais baixas (Heilborn *et al.*, 2009). Este efeito da transição não normativa dos adolescentes de ambos os sexos ilustra, em simultâneo, a associação do sexo feminino aos universos doméstico e da parentalidade e as diferenças de classe no benefício do apoio familiar (Heilborn *et al.*, 2002; Fernandes, 2009). Existem, todavia, discursos de rapazes que ilustram o modo como a paternidade alterou as suas oportunidades de sociabilidade e convivialidade (Marques, 2007: 43-4):

«A única coisa que mudou é que eles saem mais do que eu. Eu quando saio, ou, por exemplo, quando quero ir a uma discoteca, eu tenho que ver os sítios que vou e... não gastar muito dinheiro» (Rapaz, 20 anos, pai aos 19, 6.º ano de escolaridade);

«(...) Por vezes os meus amigos vão-me chamar só que custa-me às vezes a [nome da parceira] tar a adormecer as duas e eu ir, tipo, sair com eles à noite, e já abdiquei de montes de coisas para ficar a tomar conta delas» (rapaz, 22 anos, pai aos 16 e aos 20, 9.º ano de escolaridade).

Apesar de, no contexto da parentalidade adolescente, estar presente uma forte assimetria de género, com alheamento parcial ou absoluto dos pais, com uma consequente sobrecarga das raparigas, pelo menos nos dois primeiros anos de vida (Fernandes, 2009: 16), os cenários relacionais não são homogéneos. Identificam-se sinais de que muitos pais desejam assumir em pleno as suas responsabilidades paternas, manter a proximidade física e emocional com os seus filhos e as suas filhas e participar ativamente na sua educação e desenvolvimento (Dowd, 2000; Fernandes, 2009; Glickman, 2000; Marques, 2007). Existem também múltiplas situações em que esses desejos não existem ou não são realizáveis (Barker, 2007; Featherstone e White, 2006; Fernandes, 2009; Reeves, 2007).

Num estudo de cariz exploratório e qualitativo centrado na parentalidade adolescente, Ludmila Fernandes (2009) identificou cinco ideais-tipo de parentalidade, os quais, salvaguardando os efeitos das desigualdades de género, podem sugerir a reflexão sobre a diversidade de formas de exercício da paternidade. Estes ideais-tipo, construídos com base nas «modalidades de apoio familiar que os adolescentes recebem e da forma como se relacionam com a parentalidade» (op. cit: 14), organizam-se num contínuo imaginário com os seguintes cenários: parenta-

lidade cooperante, desprotegida, autónoma, frágil e demitida (op. cit: 14/15). Assim, desde um cenário de preservação dos percursos escolares e profissionais, com apoio franco das famílias com recursos económicos, emocionais e logísticos, até ao extremo oposto, com ausência de recursos elementares para educar a criança, pertença a famílias desfavorecidas, níveis de escolaridade muito baixos e dependência de instituições, encontram-se cenários intermédios em que se conjugam, favorável ou desfavoravelmente estas condicionantes.

A diversidade cenários reforça a necessidade de reconhecer os fatores múltiplos que facilitam ou inviabilizam a continuidade da relação conjugal, caso exista, e o envolvimento pleno dos rapazes nas funções parentais (Barker, 2007; Marcell *et al.*, 2007; Marques, 2007; Nylung, 2006; Speak, 2006).

## ALGUNS PRINCÍPIOS PARA A INTERVENÇÃO

A lentidão com que os serviços e profissionais da área da saúde têm definido as ações necessárias para que se cumpram os princípios e objetivos da saúde sexual e reprodutiva pode ser um fator obstrutor para que as experiências sexuais e reprodutivas sejam seguras e gratificantes para ambos os sexos, nomeadamente aquelas que dizem respeito ao envolvimento pleno dos rapazes e homens (Brindis *et al.*, 2005; The Alan Guttmacher Institute, 2002).

Para que se altere esse panorama menos facilitador do envolvimento masculino, justifica-se que seja contrariada a tendência para que as intervenções e as orientações técnico-científicas se focalizem, quase em exclusivo, no sexo feminino, deixando por clarificar o papel dos rapazes e homens e por conhecer os seus interesses e necessidades (Barker, 2007; Brindis *et al.*, 2005; Correia e Sereno, 2005; Featherstone *et al.*, 2007; The Alan Guttmacher Institute, 2002).

No domínio da paternidade, espera-se a vontade consciente de os encarar enquanto homens e pais, a orientação para a sua responsabilização e, ao mesmo tempo, para contrariar a sua posição potencial de dominação e os estereótipos de que são alvo e, ainda, para garantir o respeito pelos seus direitos (Featherstone *et al.*, 2007). Trata-se de uma perspetiva que contraria os discursos vulgares que se referem ao envolvimento masculino como algo que beneficia as suas companheiras e os possíveis descendentes comuns e não como um direito e um contributo positivo para o bem-estar de rapazes e homens (Brindis *et al.*, 2005; Prazeres *et al.*, 2005).

As mudanças nas relações de género, nas quais se englobam a construção e as vivências da paternidade, não têm de ser encaradas como uma procura dos interesses dos homens, mas como uma via para a sua emancipação relativamente aos constrangimentos que limitam a sua realização pessoal e se projetam negativa-

mente sobre as suas companheiras e filhos (Marsiglio e Pleck, 2005). A orientação para essas finalidades exigirá que, para além dos fatores crono biológicos associados à dinâmica da adolescência, se considerem sempre os fatores psicossociais e culturais que se evidenciam e potenciam a complexidade da paternidade nesta fase do ciclo vital (Carvalho *et al.*, 2008).

A paternidade dos adolescentes não é, como quisemos sublinhar, uma realidade que se explique e compreenda através de interpretações simples. As medidas a tomar para a prevenção de gravidez que resultem do acaso, da falta de recursos educativos, profissionais e materiais ou para o seu acompanhamento terão de ser, em simultâneo, globais e próximas daqueles e daquelas que protagonizam essas experiências. Não sendo as únicas estratégias a seguir, aquelas que forem atentas aos processos da construção social do género e às desigualdades que estes produzem terão, certamente, um potencial significativo e contribuirão para práticas mais democráticas e ativas.

## BIBLIOGRAFIA

- ADDELSON, Kathryn P. (1999), «How Should We Live? Some Reflections on Procreation», in James Wong e David Checkland (Eds.), *Teen Pregnancy and Parenting: Social and Ethical Issues*, Toronto: University of Toronto Press, pp. 81-98.
- AMÂNCIO, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto: Edições Afrontamento.
- AMÂNCIO, Lígia (2004), «A(s) masculinidade(s) em que-estão», in Lígia Amâncio (Ed.), *Aprender a Ser Homem. Construindo masculinidades*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 13-27.
- AUGUSTINE, Jennifer M., NELSON, Timothy e EDIN, Kathryn (2009), «Why do poor men have children? Fertility intentions among low-income unmarried U.S. fathers», *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 624(1), pp. 99-117.
- BALANCHO, Leonor S. F. (2004), «Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade», *Análise Psicológica*, 2(XII), pp. 377-386.
- BARKER, Gary T. (2007), *Dying to be Men. Youth, masculinity and social exclusion*, London, Routledge.
- BOZON, Michel (2003), «À quel âge les femmes et les hommes commencent-ils leur vie sexuelle? Comparaisons mondiales et évolutions récentes», *Population e Sociétés*, 391, pp. 1-4.
- BRANDÃO, Elaine R. (2009), «Desafios da contraceção juvenil: interseções entre género, sexualidade e saúde», *Ciência & Saúde Colectiva*, 14(4), pp. 1063-71.
- BRINDIS, Claire, BARENBAUM, Michelle, SANCHEZ-FLORES, Héctor, MCCARTER, Virginia e CHAND, Robin (2005), «Let's hear it for the guys: california's male involvement program», *International Journal of Men's Health*, 4(1), pp. 29-53.
- CABRAL, Cristiane S. (2002), «Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro», *Cadernos de Saúde Pública*, 19(Supl. 2), pp. 283-92.
- CARVALHO, Geraldo, JESUS, Maria C., e MIRIGHI, Miriam A. (2008), «Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente durante a adolescência», *O Mundo da Saúde*, 32(4), pp. 437-42.
- CONNELL, Robert W. (1995), *Masculinities*. Cambridge: Polity Press.

- CONNELL, Robert W. (2000), *The Men and the Boys*, Cambridge: Polity Press.
- CORREIA, Maria J. e SERENO, Sara (2005), «O lado masculino da gravidez adolescente», *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 40/41, pp. 17-30.
- DOWD, Nancy E. (2000), *Redefining Fatherhood*, New York: New York University Press.
- FARROW, James A. (2009), «Male sexual health during adolescence and young adulthood contemporary issues». *Journal of Men's Health*, 6(3), pp. 177-82.
- FEATHERSTONE, Brid e WHITE, Sue (2006), «Dads talk about lives and services». in Cathy Ashley, Brid Featherstone, Clare Roskill, Mary Ryan e Sue White (Eds.), *Fathers Matter: research findings on fathers and their involvement with social care services*, London: Family Rights Group, pp. 69-83.
- FEATHERSTONE, Brid, RIVEET, Mark e SCOURFIELD, Jonathan (2007), *Working with Men in Health and Social Care*, London: Sage Publications.
- FERNANDES, Ludmila (2009), «Experiências de mães e pais adolescentes», *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 52/53, pp. 10-7.
- FROSH, Stephen, PHOENIX, Ann e PATTMAN, Rob (2002), *Young Masculinities: understanding boys in contemporary society*, Basingstoke: Palgrave.
- GLICKMAN, Helen (2000), «Low-income young fathers: contexts, connections, and self», *Social Work*, 49, pp. 195-206.
- HEARN, Jeff (2004), «From hegemonic masculinity to the hegemony of men», *Feminist Theory*, 5(1), pp. 49-72.
- HEILBORN, Maria L., ARAÚJO, Leila e BARRETO, Andreia (2009), *Gênero e Diversidade na Escola. Formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Livro de Conteúdo, Volume II, Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/UERJ.
- HEILBORN, Maria L., SALEM, Tania, ROHDEN, Fabíola, BRANDÃO, Elaine et al. (2002), «Aproximações Socioantropológicas sobre Gravidez na Adolescência», *Horizontes Antropológicos*, 8(17), pp. 13-45.
- HOBSON, Barbara (2002), *Making Men into Fathers: men, masculinities and the social politics of fatherhood*, Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- JACKSON, Stevi e SCOTT, Sue (2004), «Sexual antinomies in late modernity», *Sexualities*, 7(2), pp. 233-248.
- KIMMEL, Michael S. e MESSNER, Michael (1995), «Introduction», In Michael S. Kimmel e Michael Messner (Eds.), *Men's Lives*, Boston: Allyn & Bacon, 3 ed., pp. xiii-xxiii.
- LE CAMUS, Jean (2000), *O Verdadeiro Papel do Pai*, Porto: Ambar.
- LINDBERG, Laura D., KU, Leighton L. e SONESTEIN, Freya (2000), «Adolescents reports of receipt of reproductive health education, 1988-1995», *Family Planning Perspectives*, 32(5), pp. 220-226.
- LOHAN, Maria, CRUISE, Sharon, O'HALLORAN, Peter, ALDERDICE, Fiona e HYDE, Abbey (2010), «Adolescent men's attitudes in relation to pregnancy and pregnancy outcomes: A systematic review of the literature from 1980-2009», *Journal of Adolescent Health*, 47(4), pp. 327-345.
- MARCELL, Arik V., FORD, Carol A., PLECK, Joseph H. e SONESTEIN, Freya L. (2007), «Masculine beliefs, parental communications and male adolescents' health care use», *Pediatrics*, 119(4), pp. 966-975.
- MARQUES, António M. (2002), «Problemas e necessidades de saúde sexual e reprodutiva em bairros de arrendamento público», *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 29/30, pp. 7-16.
- MARQUES, António M. (2007), *Gravidez na Adolescência: a perspectiva da paternidade*, Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- MARQUES, António M. (2008), *Masculinidade e Profissões. Discursos e resistências*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- MARSIGLIO, William e PLECK, Joseph H. (2005), «Fatherhood and masculinities», in Michael S.

- Kimmel, Jeff Hearn e Robert W. Connell (Eds.), *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, Thousand Oaks, California: Sage Publications, pp. 249-269.
- MARSIGLIO, William, AMATO, Paul, DAY, Randal D., e LAMB, Michael E. (2000), «Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond», *Journal of Marriage & the Family*, 62(4), pp. 1173-1191.
- NOGUEIRA, Conceição (2001), *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género. Feminismo e perspectivas críticas na Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- NYLUNG, David (2006), «Deconstructing patriarchy and masculinity with teen fathers: a narrative approach», in Helen S. Holgate, Roy Evans e Francis K.O. Yuen (Eds.), *Teenage Pregnancy and Parenthood. Global perspectives, issues and interventions*, London: Routledge, pp. 150-159.
- O'DONNELL, Mike e SHARPE, Sue (2000), *Uncertain Masculinities: youth, ethnicity and class in contemporary Britain*, London, Routledge.
- OLMSTEAD, Spencer B., KOON, Justin T., PUHLMAN, Daniel J., PALSLEY, Kay e FINCHAM, Frank D. (2012), «College men, unplanned pregnancy, and marriage: what do they expect?», *Journal of Sex Research*, 0(0), pp. 1-12. doi: 10.1080/00224499.2012.692405
- PLECK, Joseph H. (1997), «Paternal involvement: levels, sources, and consequences», in Michael E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development*, New York: Wiley, 3.ª ed., pp. 325-332.
- PRAZERES, Vasco, LARANJEIRA, Ana R. e OLIVEIRA, Valentina (2005), *Saúde dos Jovens em Portugal: elementos de caracterização*, Lisboa: DGS.
- REEVES, Jane (2007), «'Tell me your story': applied ethics in narrative research with young fathers», *Children's Geographies*, 5(3), pp. 253-265.
- SHIELDS, Nancy e Pierce, Lois (2006), «Controversial issues surrounding teen pregnancy: a feminist perspective», in Helen S. Holgate, Roy Evans e Francis K.O. Yuen (Eds.), *Teenage Pregnancy and Parenthood. Global perspectives, issues and interventions*, London: Routledge, pp. 122-39.
- SPEAK, Suzanne (2006), «Being there: roles and aspirations of young single non-residential fathers», in Helen S. Holgate, Roy Evans e Francis K.O. Yuen (Eds.), *Teenage Pregnancy and Parenthood. Global perspectives, issues and interventions*, London: Routledge, pp. 140-149.
- THE ALAN GUTTMACHER INSTITUTE (2002), *In Their Own Right: addressing the sexual and reproductive health needs of American men*, Washington DC: Alan Guttmacher Institute.
- VILAR, Duarte e FERREIRA, Pedro M. (2009), «A Educação Sexual dos Jovens Portugueses. Conhecimentos e fontes», *Educação Sexual em Rede*, 5, pp. 2-53.
- VILAR, Duarte (2002), *Falar disso. A educação sexual nas famílias dos adolescentes*, Porto: Edições Afrontamento.
- WESTMAN, Jack C. (2009), *Breaking the Adolescent Parent Cycle. Valuing fatherhood and motherhood*, Lanham, Maryland: University Press of America.
- XIE, Hogling, CAIRNS, Beverly D. e CAIRNS, Robert B. (2001), «Predicting Teen Motherhood and Teen Fatherhood: individual characteristics and peer affiliations», *Social Development*, 10(4), pp. 488-511.